Eu vejo teus erros: seguindo as pegadas de Dilermando de Assis num exemplar único de *Os Sertões* de Euclides da Cunha

Cristiane Henriques Costa

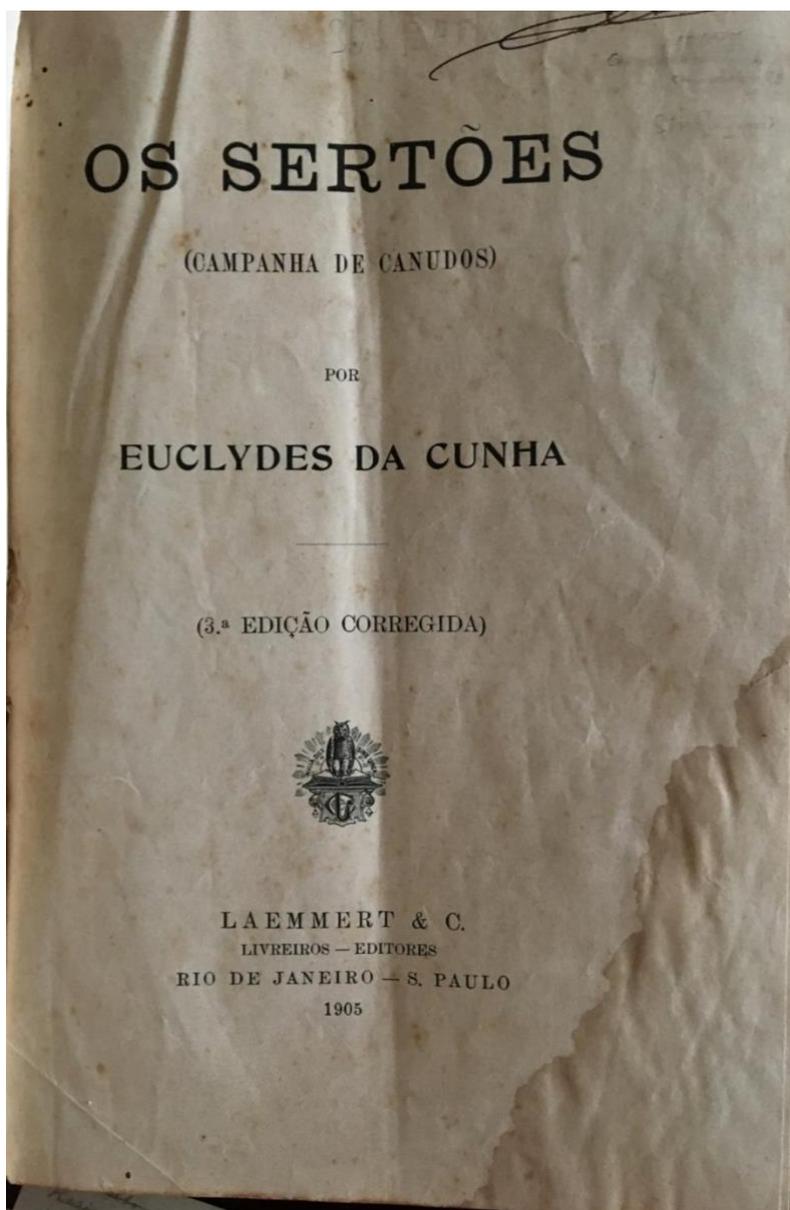



Ilustração 1: Folha de rosto de Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed.

> "A luta contra o erro tipográfico tem algo de homérico. Durante a revisão os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas, assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu descifrar."
>
> Monteiro Lobato

Já disse um grande editor que o erro parece um ser vivo e sorrateiro, que se encolhe invisível em meio a textos lidos e relidos, para botar uma carapuça vermelha na cabeça, assobiar e agitar os braços assim que a obra é impressa. Pesadelo de todo escritor, os erros são "verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas". E dezenas de sacis pulularam das 637 páginas do primeiro livro do jornalista Euclydes da Cunha, para desespero de seu autor. Não que fosse um desleixado. Teria passado dias e noites na Companhia Tipográfica do Brasil, para fazer 37 correções (12 acréscimos e 25 supressões) nos cerca de 1.200 exemplares impressos daquela que seria sua obra-prima. "Ao todo, foram pouco mais de 44 mil emendas, feitas com bico de pena, ponta de canivete, raspadeira e tipos móveis", contabilizou seu biógrafo Roberto Ventura (2019, p.19).

Os erros crassos de *Os Sertões* foram explorados na última entrevista de Euclides, publicada em 15 de agosto de 1909 na revista *A Ilustração Brazileira* (pp. 99-100), o fatídico dia em que saiu de casa para "matar ou morrer" num duelo com o jovem amante de sua mulher, Dilemando Cândido de Assis. E morreu. Segundo o autor da autor da reportagem, o também escritor Viriato Correia, Euclides:

> Ao chegar à Companhia Tipográfica, à rua dos Inválidos, abrindo ao acaso um volume, lá encontrava um a com uma crase intrusa, adiante uma vírgula de mais, etc., etc. Ele estava nesse tempo atacado de uma neurastenia profunda. Aquela crase, aquela vírgula, aqueles outros erros, pareceram-lhe grandes blocos de pedra, que vinham atacar o seu nome. Que horror! E a ponta de canivete (parece mentira, mas verdade), em dois mil volumes, Euclides raspou oitenta erros. Foram cento e sessenta mil emendas! Levou dias e dias nessa trabalheira gigantesca. Os operários da tipografia estavam assombrados com aquilo. Ele passava os dias, as noites curvado sobre os volumes, a raspar com a pontinha do canivete. Só acabou na

> véspera da chegada do barão do Rio Branco, em dezembro de 1902. O livro ia ser posto à venda no dia seguinte. Um estranho pavor se apoderou de Euclides. Tinha certeza de que a obra ia ser um desastre. E pediu ao editor que retardasse a venda para daí a três ou quatro dias. E tocou-se para Lorena. O seu pavor tinha crescido estupendamente, tanto que, chegando a Lorena à meia-noite, às três da manhã estava de viagem. Para onde? Sabia lá! O que ele queria era fugir, esconder-se no fim do mundo, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter notícias do desastre. E andou oito dias a cavalo pelo interior de São Paulo, sem destino. O que lhe passava pelo espírito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas crônicas dos jornais. / Para que me fui meter eu nisso, senhores!

Os números divergem. Se na reportagem Viriato Correia faz seus cálculos a partir de num número arredondado de 2 mil exemplares, Roberto Ventura em seu *Esboço biográfico* arredondou a tiragem para baixo, 1.200, com base na segunda cláusula do contrato entre o autor e a editora Laemmert. Os dois são exagerados, garanto, pelo menos quanto ao trabalho de correção manual dos exemplares. Já vi com meus próprios olhos uma primeira edição de *Os Sertões (Campanha de Canudos)* devidamente autografada ao fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) Luis Murat, com a data de 30 de dezembro de 1902, sem menor vestígio de emenda. E os sacis estavam todos lá, mumificados, esperando apenas um leitor com meu olho treinado de revisor para sair de trás das moitas de palavras e pular com uma perna só, balançando sua rubra carapuça.

Na minha modesta opinião, Euclides da Cunha não era tão caprichoso assim ou não enviaria um livro cheio de erros crassos para um leitor tão influente. Se Murat reparou ou não, pouco importa. No ano seguinte, seu nome constaria da lista de eleitores de Euclides de Assis para ocupar a cadeira número 7 da ABL, assim como Machado de Assis, Coelho Neto e Artur Azevedo. Mas, desde então, a busca pelos lendários erros da primeira edição de *Os Sertões* anima os bibliófilos e pesquisadores, que vasculham as preciosas *prínceps* que sobreviveram ao tempo à cata de vírgulas, acentos, deslizes de concordância e até espaços raspados com *grattoir*, apagando completamente o que estava impresso.

Mais de um século e pelo menos 50 edições depois (sem contar as reimpressões), continuamos comparando as emendas feitas na primeira, na segunda e na terceira edição com as realizadas de próprio punho por Euclides num exemplar dado como desaparecido, em busca do texto perfeito de *Os Sertões*. É um trabalho inglório. A mais recente edição crítica do livro contabilizava quase 6 mil variantes, sem falar nas correções gráficas e ortográficas, que ultrapassariam as 10 mil substituições. Será a edição definitiva?

Provavelmente não. Sempre teremos algo a consertar nesta obra-prima tão cheia de erros e equívocos.

Sinto desiludir o leitor leigo, que ingenuamente acredita que os grandes livros nascem perfeitos, como as crianças nascidas a termo, sem fórceps, nem interferência externa. Mas quem tem como profissão corrigir os equívocos dos autores, como eu, sabe que uma obra só é grande quando traz em si a semente de sua destruição. São seus defeitos, tanto quanto seus acertos, que deixarão para as gerações seguintes as pistas para novas leituras. Para caçadores como eu, importa o que o que suas palavras dizem e também o que suprimiram, deixaram de dizer. E mais ainda: o que se esconde entre elas, apenas hibernando.

Há muito tempo venho me dedicando a investigar os erros de Euclides e não só os de português. Por isso, me chamou a atenção a notícia de um exemplar anotado da terceira edição de *Os Sertões*, a última com emendas feitas ainda em vida, com dezenas de marcações realizadas por ninguém menos do que o homem responsável pela morte do autor.

É este livro único, mais precioso do que qualquer primeira edição, que tenho em minhas mãos trêmulas agora. Com a obsessão de um compulsivo, o engenheiro militar Dilermando Cândido de Assis vasculhou cada vírgula fora do lugar, cada crase desprezada, cada conta malfeita, cada informação equivocada de seu maior adversário. Algumas marcas são a lápis preto, outras em vermelho ou azul, seguindo as convenções normalmente usadas por nós, revisores profissionais, para indicar o local da emenda a ser feita e, nas margens, qual seria seu conteúdo. Mas o rival não se limitou a procurar cabelo em ovo.

Folhas soltas escondidas em meio ao exemplar mostram que se deu ao trabalho um índice próprio de leitura, seguindo uma lógica bastante peculiar. São outros *Sertões* que se descortinam para quem segue suas marcações, como uma trilha na mata escura iluminada por uma lanterna. Com a maestria de quem, além de campeão de tiro e esgrima, foi exímio enxadrista, Dilermando atacou seu inimigo em vários flancos, farejando seus pontos vulneráveis. O principal alvo posso adiantar aqui: a incongruência entre sua defesa do mestiço sertanejo como "rocha viva da nossa nacionalidade" e a adesão aos ideais supremacistas professados em páginas e mais páginas de *Os Sertões* sem o mínimo de pudor. Como tantos especialistas, críticos, mestres e doutores se dedicaram a este livro durante este mais de um século de existência e tão poucos tiveram a coragem de apontar esse defeito de nascença, eu me pergunto?

O maior rival de Euclides ainda encontraria outras brechas. No entanto, seria golpeado pela potência de sua escrita, como todos os seus admiradores. "Soberbo!"

"Supremo!", não se furta a exclamar, nas margens da página 75, o leitor que matou o autor de *Os Sertões (Campanha de Canudos)*, sete anos depois da publicação daquele que seria um dos mais influentes livros da literatura brasileira.

— 75 —

Mas, volvendo-se o olhar para os ceus, nem uma nuvem! O firmamento limpido arqueia-se alumiado por um sol obscurecido, de eclipse.

A pressão, entretanto, decai vagarosamente, numa descensão continua, afogando a vida. Por momentos um cumulus compacto, de bordas acobreado-escuras, negreja no horizonte, ao sul. Deste ponto sopra, logo depois, uma viração, cuja velocidade cresce rapida, em lufadas fortes. A temperatura cai em minutos e, minutos depois, os tufões sacodem violentamente a terra. Fulguram relampagos; estrugem trovoadas nos ceus já de todo nublados e um aguaceiro torrencial desce logo sobre aquellas vastas superficies, apagando, numa inundação unica, o *divortium aquarum* indeciso que as atravessa, adunando as nascentes dos rios e embaralhando-lhes os leitos em alagados indefinidos . . .

E' um assalto subitaneo. O cataclysmo irrompe arrebatado na espiral vibrante de um cyclone. Descolmam-se as casas; dobram-se, rangendo, e partem-se, estalando, os carandás seculares; ilham-se os morros; alagoam-se os plainos . . .

E uma hora depois o sol irradia triumphalmente no ceu purissimo! A passarada irrequieta descanta pelas frondes gottejantes; sulcam os ares virações suaves — e o homem deixando os refugios a que se acolhera, contempla os estragos entre a reviviscencia universal da vida. Os troncos e galhos das arvores rachadas pelos raios, lascadas pelos ventos; as choupanas estruidas, colmos por terra; as ultimas ondas barrentas dos ribeirões, transbordantes; a herva acamada pelos campos, como se sobre elles passassem bufalos ás manadas — mal relembram a investida fulminante do flagello . . .

Supremo!

Dias depois, os ventos rodam outra vez, vagarosamente, para leste; e a temperatura começa a subir de novo; a pressão a pouco e pouco diminue; e cresce continuamente o mal estar, até que se reate nos ares immobilisados a componente

Ilustração 2: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.75.

Se hoje gralhas, pasteis, saltos, repetições e inversões e outros erros tipográficos são relativamente comuns, o que dirá no século passado, quando os livros ainda eram compostos letra a letra por tipógrafos que aprendiam seu ofício na prática com impressores mais experientes, muitos deles franceses, organizando, um a um, tipos móveis de chumbo em uma placa de madeira. A chance de erro era enorme, assim como a quantidade de revisores de provas, função nada nobre reservada aos anônimos que trabalham na sombra, na "cozinha" da literatura, como eu.

Tanto ontem quanto hoje, sofremos com os destemperos dos editores, com o ego inflado de autores, muitos dos quais se apegam a seus erros como fontes inextirpáveis de seu sucesso, com os prazos incompatíveis com a miúda caça de sacis e, principalmente, com

as armadilhas pregadas por uma língua escorregadia. Mas devo reconhecer que já foi pior. No passado, éramos obrigados a decifrar a letra dos malditos autores desenhada febrilmente numa tinta negra que refletia o brilho das velas e lamparinas, nos levando a trabalhar de viseira, caso não quiséssemos acabar cegos. Era preciso ter um olho vivo nas provas e outro focado nas páginas montadas por tipógrafos tão concentrados que seriam incapazes de dizer, ao fim, de que tema tratavam. Meu consolo é que antes de mim, tigres como Machado de Assis também se alimentaram desta caça miúda. Graciliano Ramos foi outro a perder tempo seguindo rastros de cretinos sacis para ao menos ter como pagar as contas.

Sempre foi uma profissão desprezada. Não temos o fascínio dos escritores nem o glamour dos jantares regados a vinho caro dos editores, com suas infindáveis histórias de leilões milionários e disputas nas feiras internacionais. Raramente nos convidam para alguma festa, nem uma mísera noite de autógrafos. Isso não é de hoje. No conto *Valério*, publicado em 1874, Machado já reclamava da exclusão a que os revisores estão condenados. Décadas depois de ter escapado dessa condição, ele conta a história de um poeta pobre, ex-tipógrafo promovido a revisor de provas, que percebe, no olhar do dono de uma mansão, onde acontece uma festa, o desprezo que sentiria se confessasse sua profissão: "Pois este pelintra tem a honra de jantar aqui comigo, ver dançar os outros, estar aqui confundido com pessoas de certa ordem, e se há de ouvir e calar, responde quando ninguém lhe pergunta e por fim confessa-se revisor de provas".

Eu não ascendi no meio literário, ao contrário de Machado e Graciliano. Vivo no subsolo de uma grande fábrica de livros. Há lugares mais deprimentes, é verdade, como o enorme depósito onde morrem amontoadas num canto as obras que ninguém quis ler, páginas mofadas que serão vendidas a preço de papel de papel sujo de tinta, como o único romance que tentei cometer, meu filho amado e enjeitado. Aqui estou eu, protegido dos holofotes por minha insignificância. Mas, do alto de minhas quatro décadas de experiência como revisor, posso garantir: não se pode de todo culpar Euclides pelos montes de sacis que se esconderam em sua primeira e mais importante obra. Mesmo editoras renomadas como a Laemmert estão longe de serem imunes ao erro humano, tanto ontem quanto hoje. De toda forma, em 1902, quando *Os Sertões* foi publicado, os célebres Eduard e Henrich Laemmert já não estavam mais à frente da oficina tipográfica, uma "vastíssima casa, expressamente construída" no Rio de Janeiro, onde trabalhavam mais de 120 pessoas, entre eles cerca de 40 compositores e pelo menos cinco revisores de prova, segundo o bibliotecário americano Laurence Hallewell. No enorme compêndio que normalmente usava de apoio para a tela do meu computador, descubro que, com a morte dos irmãos, o negócio passou para Gustave Massow, genro de Henrich, que viria a ser o editor de Euclides da Cunha. Massow levava

jeito para o negócio, como se pode ver pela carta de 25 de dezembro de 1901 ao amigo Francisco de Escobar, em que o autor intui estar sendo enrolado pelo empresário.

> Falemos de outa coisa. Estive no Rio. E lá deixei entregue ao Laemmert, os meus Sertões – título que dei ao livro que aí te li em parte. O contrato que fiz, não precisava dizer, foi desvantajoso – embora levasse à presença daqueles honrados saxônios um fiador de alto coturno, José Veríssimo – de quem sou hoje devedor, pela extraordinária gentileza com que me tratou. Subordinei-me a todas as cláusulas leoninas que me impuseram, e entre elas a de divivir com eles – irmãmente pela metade, os lucros da publicação – e isto ainda depois que a venda os indenizasse do custo da impressão. Aceitei. No entanto me garantiram no Rio que ainda fiz bom negócio – porque hoje só há um animal [a] quem o livreiro teme, o escritor! Por uma das cláusulas, sairá à luz, em fins de abril do [ano] vindouro.

O livro só sairia bem depois, ao contrário do que previa a carta escrita em dezembro de 1901. A data é imprecisa. Muitos autores repetem Venâncio Filho, que em seu *Euclydes da Cunha a seus amigos* situam o lançamento nos primeiros dias de dezembro, provavelmente no dia 2, o que combina com a cronologia dos eventos narrados na última entrevista de Euclides. No entanto, em seu *História e interpretação de Os Sertões*, o rigoroso Olímpio de Sousa Andrade garante que "deve ter sido lançado entre esses meses [agosto e outubro] e mão em dezembro, como tem sido afirmado". A cláusula terceira do contrato assinado entre autor e editora tinha como previsão o lançamento em 30 de abril de 1902, mas certamente o livro estava longe de ficar pronto na data combinada, como mostram várias cartas desesperançadas de Euclides ao amigo Escobar.

É incrível como os editores não mudam, nem as promessas vazias que fazem aos escritores. Ainda mais editoras poderosas, como a Laemmert e a Garnier, que juntas eram responsáveis por quase 70% das obras impressas no Brasil na época em que *Os Sertões* foi publicado. Pois foi justamente a Garnier que produziu um dos erros mais vexaminosos da literatura nacional. No mesmo ano em que *Os Sertões* foi publicado, Machado de Assis viu o tipógrafo trocar um "e" por um "a" na palavra "cegará" na segunda edição de suas *Poesias completas* (1901), compostas e impressas na França. Reza a lenda que os exemplares foram emendados um a um a nanquim, por um Machado, já idoso e doente, lembrando seus tempos de reles revisor de provas na tipografia de Paula Brito. Mais raros do que os corrigidos, valem ouro nos leilões os poucos exemplares que sobraram com os dizeres: "(…) a afeição do meu defunto amigo a tal extremo que lhe cagará o juízo". Reconheçamos: o brasileiro não presta, muito menos os bibliófilos.

— VI —

Não deixo esse prefacio, porque a affeição do meu defunto amigo a tal extremo lhe cagára o juizo que não viria a ponto reproduzir aqui aquella saudação inicial. A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro casual das datas, a daquelle, 22 de Julho de 1864, e a deste.

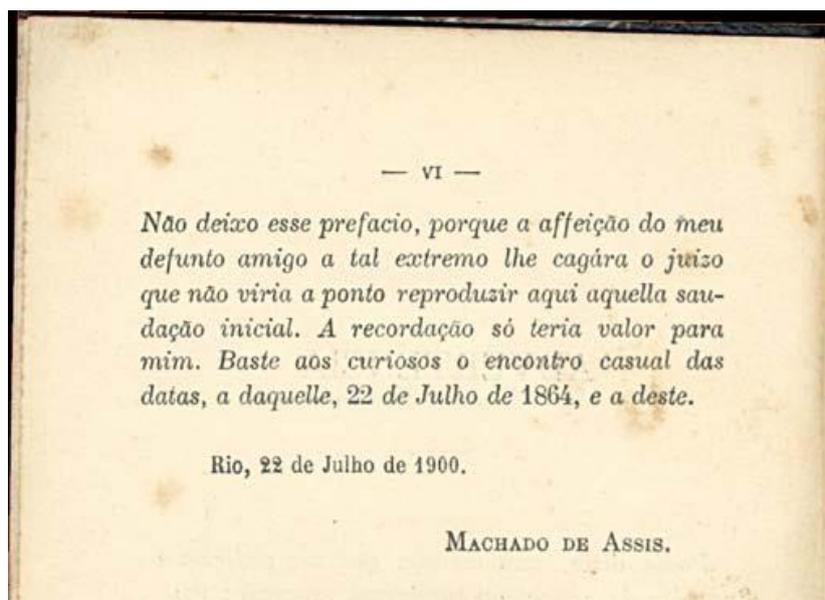
Rio, 22 de Julho de 1900.

MACHADO DE ASSIS.

Ilustração 3: Assis, M. (1901). *Poesias Completas.* Paris: Garnier, 2 ed., prefácio.

Titivillus. Tecnicamente este é o nome do demônio que cegou o juízo de Machado, de seu nem tão amigo assim Euclides da Cunha e de outros tantos, escondidos nas bordas das palavras enquanto o autor revê pela milésima vez. Mesmo nós, caçadores com olhos treinados para o menor movimento fora do normal, às vezes deixamos um ou outro Titivillus escapar. Ninguém é perfeito. Consta que Shakespeare tanto se exasperou com o demoninho que infiltrou seu nome em duas peças, na *Noite de Reis* e em *Henrique IV*. Monstro nascido de pensamentos pecaminosos, comenta-se que foi visto pela primeira vez por um monge copista, manchando de vergonha seu belo manuscrito medieval.

Mas a verdade é que é mais fácil enxergar os Titivillus ou sacis, como quisermos chamá-los, quando se tem olhos de lince. Euclides não tinha. O primeiro a alertar o autor para os erros de acentuação, pontuação e concordância em *Os Sertões* foi o velho amigo Francisco de Escobar, antes mesmo de o livro chegar às livrarias. Numa carta de 19 de outubro de 1902 é possível ter uma mostra do desespero de Euclides, ao ver que deixou passar dezenas destes monstrengos. Era enorme sua vergonha diante de Escobar, que nunca frequentou uma escola, mas era chamado de "doutíssimo" por Rui Barbosa.

Tenho passado mal. Chamaste-me a atenção para vários descuidos dos meus

> Sertões; fui lê-lo com mais cuidado e fiquei apavorado! Já não tenho coragem de o abrir mais. Em cada página o meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente… Um horror! Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro? Manda-me dizer daí algo a respeito. Imagina que lá encontrei à falcão, à pranchada, braço à braço, tempos à tempos, etc. etc. Não te posso dizer como fiquei. Por fim abrindo, ao acaso, depois do jantar, uma página, encontrei isto: "Não iludiu à história…" Não te descrevo o que houve! Quer isto dizer que estou à mercê de quanto meninote erudito brune as esquinas; e passível da férula brutal dos terríveis gramatiqueiros que passam por ai os dias a remascar preposições e a disciplinar pronomes! Felizmente disseram também que o Victor Hugo não sabia francês. Vou escrever ao Laemmert para reduzir quanto possível, a primeira edição, se houver tempo. (Cunha, 1902a)

Não houve tempo. Mais crítico do que seus críticos, Euclides não esperou a reação dos possíveis leitores quanto aos erros e acertos de *Os Sertões*, que certamente incomodariam ao Exército e ao governo por sua denúncia ao massacre do povoado de Canudos, dizimando uma população estimada em 25 mil pessoas. Na versão divulgada por Viriato Correia na derradeira reportagem, depois de concluir as correções na gráfica, Euclides teria partido para o interior de São Paulo no dia 30 de novembro, mal pisando em Lorena, onde trabalhava como engenheiro e vivia com a mulher, Anna, e seus três filhos pequenos. Na fatídica reportagem, Euclides teria contado conta que chegou à cidade por volta da meia-noite e partido a cavalo três horas depois, vagando por oito dias pelos sertões paulistas, em pânico, sentindo na pele os horrores da síndrome de impostor que acomete a maioria dos escritores iniciantes.

> Para onde? Sabia lá! O que ele queria era fugir, esconder-se no fim do mundo, não ver mais ninguém, rasgar o livro, não ter notícias do desastre. E andou oito dias a cavalo pelo interior de São Paulo, sem destino. O que lhe passava pelo espírito era curioso: via-se inteiramente achatado, a sua reputação de engenheiro por terra, o seu nome espatifado nas crônicas dos jornais. (Correa, 1909, pp.99-100)

Quando finalmente se preparou para pegar o trem em Taubaté, Euclides teria esbarrado um passageiro recém-chegado do Rio de Janeiro, com *Os Sertões* nas mãos no restaurante da estação, e se espantado. Não esperava encontrar um leitor, do qual anos depois ainda se lembrava nos mínimos detalhes: um homem alto, barbado, de guarda-pó e livro debaixo do braço.

> Euclides tem um sacolejão. Se não se enganava tinha visto *Os Sertões*, sob o braço do homem. Parece que foi alguma mola que o fez levantar-se. Chegou-se ao tipo, sacudido de emoção:

> – O senhor pode deixar-me ver esse livro?
> O senhor fitou-o, mediu-o e sério, desconfiado da má vontade, estendeu-lhe mudamente o livro, sem largá-lo. Era *Os Sertões*.
> – Obrigado.
>
> O seu desejo foi atirar-se ao sujeito e abraçá-lo. Mas voltou para a sua mesa e pôs-se a pensar e repensar. O livro estaria fazendo sucesso? Teria sido bem sucedido? Os jornais o que estariam dizendo? E a figura do passageiro de guarda-pó surgia-lhe à imaginação. Aquele sujeito não tinha cara de gostar de ler. Se estava lendo seu livro é porque estava gostando. Quem sabia se aquilo não era apenas ostentação, vaidade de mostrar-se aos outros passageiros do trem como leitor de um livro grosso! Poderia ser! Mas como foi que ele comprou o livro? O volume custava dez mil-réis. Só se dão dez mil-réis por um livro, quando se sabe, ou se ouve dizer, que esse livro é bom. Se aquele homem comprou, é porque ouviu dizer, ou por um amigo ou pelos jornais (Correa, 1909, pp.99-100).

E, de fato, os jornais foram fundamentais para o sucesso do livro, inspirado pelo trabalho de Euclides como correspondente da guerra de Canudos, em 1987, a primeira no Brasil a contar com novidades tecnológicas como o telégrafo, a dinamite e a metralhadora. Em dois meses, não restaria mais nenhum exemplar de seu improvável best-seller. De 1902, quando foi lançado, a 1905, *Os Sertões (Campanha de Canudos)* teria mais duas edições, vendendo 6 mil exemplares, números atordoantes para a época e, é preciso que se diga, uma boa vendagem mesmo para os dias de hoje. Sobre o inseguro autor, entrou para a história a frase de Silvio Romero: "Pode-se dizer que [Euclides da Cunha] se deitou obscuro e acordou célebre" (Romero, 1980).

Nada mal para um engenheiro militar reformado, que graças à autoria de um artigo equivocado, comparando a resistência dos moradores de Canudos ao levante camponês que lutou contra a República durante a Revolução Francesa, foi enviado ao campo de batalha. Um jornalista que, na dupla função de adido ao Estado Maior do ministro da Guerra e correspondente do jornal *O Estado de SP*, só passou 18 dias no "teatro de operações". Um escritor por questão de horas de ser testemunha ocular da dramática tomada povoado, em 5 de outubro de 1897, quando cerca de 5 mil soldados cercaram os últimos combatentes: um velho, dois homens-feitos e uma criança, que esgotaram suas últimas balas sem nunca se entregar.

Não se esperava de Euclides nem de nenhum repórter neutralidade, conceito pouco em voga nos jornais de então. Além dele, outros repórteres, como Manoel Benicio, do Rio; Favila Nunes, Cisneiros Cavalcanti e Manuel de Figueiredo, de São Paulo, foram enviados para Canudos como correspondentes de guerra. Mas, assim como o futuro autor de *Os*

Sertões era tenente reformado, Favila Nunes era coronel, Manuel Benicio foi capitão, e Manuel de Figueiredo, major. Siqueira de Menezes, do jornal *O País*, era tenente-coronel combatente, protegendo-se sob o pseudônimo de Hoche. Por seus laços com as Forças Armadas, julgava-se que silenciariam sobre os erros do Exército? Sim, mas nem todos o fizeram.

Alguns, como Manoel Benício, Lélis Piedade e Fávila Nunes, foram mais corajosos do que Euclides e não esperaram a poeira baixar para denunciar os militares. Do front, Manoel Benício enviou informes para a redação *Jornal do Comércio* alertando sobre os erros cometidos pelo general Artur Oscar, que por pouco não levaram ao fracasso da quarta expedição. Seus métodos sanguinários foram explicitados. "Deu-se novo ataque de carga de degola", afirmou no relato de 24 de julho, em que descrevia o que se passara seis dias antes no arraial. "Dezenas de casas foram invadidas - mortos seus moradores, mulheres e crianças, quase todos." Por sua rebeldia, foi ameaçado de chibatadas e morte por fuzilamento por oficiais e obrigado a se retirar.

Já o jornalista Euclides da Cunha enviou 57 telegramas à redação, entre 7 de agosto e 1 de outubro de 1897, e publicou 31 artigos. Mas esperou seis anos até publicar sua denúncia. Nela, não falou da triste sina das mulheres e crianças sobreviventes de Canudos, distribuídas como butim de guerra pelos militares, na falta de outras posses para pilhar. Não contou que levou o seu "jaguncinho" para casa, coisa que muitos de seus biógrafos fizeram questão de esconder, apesar da referência explícita em sua caderneta de campo. Não revelou o quanto os relatos vívidos de *Os Sertões* devem à criança, capaz de narrar "com precisão admirável todos os episódios sangrentos dos últimos combates" de Canudos, segundo a única reportagem que registra sua existência, publicada em 1997 pela *Gazeta de Notícias*. Deliberadamente, Euclides apagou a história de Ludgero Prestes, meu avô, um de seus erros mais imperdoáveis.

Mas conseguiu o que queria. O impacto de *Os Sertões* abriu as portas da Academia Brasileira de Letras ao autor de até então um único livro. No ano seguinte, sua consagração entre os principais intelectuais brasileiros já era tão grande que o outrora relutante editor resolveu publicar *Juízos críticos*, com 15 dos principais artigos sobre o livro publicados nos jornais de Rio de Janeiro e São Paulo. Ali, alguns já apontavam erros, como o botânico José de Campos Novaes, que em 1903 publicou uma crítica revendo, "em nome da ciência", as acepções sobre a flora sertaneja tão brilhantemente descrita por Euclides.

O sucesso imediato surpreendeu quem esperava "levar pancada como cavalo acuado", como o autor brincou em carta a Coelho Neto. Não era apenas medo dos críticos

literários, Euclides estava apreensivo sobre a resposta de oficiais e ex-combatentes à denúncia aos gigantescos erros do Exército. As críticas literárias vieram mais rapidamente, a primeira publicada pelo temido José Veríssimo. No dia 3 de dezembro, *Os Sertões (Campanha de Canudos)* ganhou a primeira página do Correio da Manhã. Apesar de alguns senões, os comentários do crítico literário de maior prestígio nos jornais da Primeira República eram consagradores. Tratava-se de um jogo de cartas marcadas, é bem verdade, porque o próprio crítico tinha indicado a publicação de *Os Sertões* para seu amigo Massow. Mas, por sua experiência nas redações, Euclides da Cunha sabia que nunca se deve confiar num crítico literário. E tinha razão. Numa carta ao amigo e acadêmico Mário de Alencar, Verissimo confessou não ir muito com a cara do autor de *Os Sertões* nem achar que o livro fosse entrar para a história. Ah, como são saborosas as futricas literárias de outros tempos, os vilipêndios, os disse-me-disse de outrora.

Mesmo que o célebre crítico não se rebaixasse a apontar pequenos erros, concentrando-se nos que considerava grandes, como o "estilo tortuoso", o próprio Euclides continuou achando sacis e titivillus pululando em seu grande livro. Seis anos depois, teria declarado: "Hei de consertar isso por toda a vida. Até já nem abro *Os Sertões* porque fico sempre atormentado, a encontrar imperfeições a cada passo". Para ele, o livro estava coberto de "páginas rasteiras, cobertas de defeitos".

> — De defeitos, sim! — confirma Euclides, muito espantado de ninguém ter dado por isso. — Aqui estão eles. Na nova edição de *Os Sertões* fiz seis mil emendas. Não se diga que sejam erros de revisão, são defeitos meus, só meus. (Correa, 1909, pp. 99-100)

Com isso, continuou alvo fácil da boa pontaria de seu maior rival.

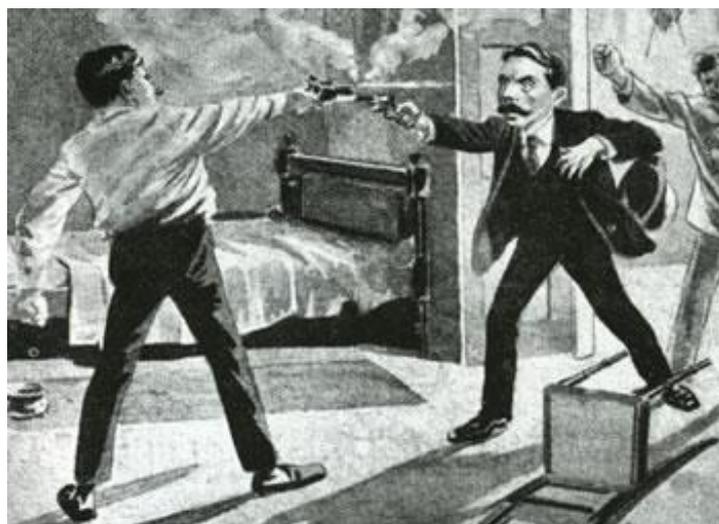



Ilustração 4: *O Malho*, 1909, n. 363, p. 11

Euclides da Cunha seria o autor homenageado pela Flip, em Parati, quando a existência deste exemplar único foi revelada num pequeno artigo de jornal. Assinado por um velho conhecido, chamava a atenção para as anotações de Dilermando de Assis em suas margens. Que se saiba, foi a primeira vez que a metáfora expressa por Barthes no título de um de seus textos mais influentes, *A morte do autor* (2004), foi levada às vias de fato. E mais: o homem que o matou deixou rastros da sua leitura. Nas páginas de *Os Sertões*, Euclides voltaria a duelar com Dilermando de Assis, o jovem amante de sua mulher, que a Justiça absolveu com base na tese de legítima defesa.

Vira e mexe a traição é relembrada, sem nada que de fato pudesse acrescentar alguma novidade ao que a imprensa da época chamou de A Tragédia da Piedade. Até que, no artigo publicado no jornal *O Globo* de 20 de janeiro de 2018, o poeta e professor de literatura Antonio Carlos Secchin revelou um no capítulo embate entre Euclides da Cunha e Dilermando de Assis.

> Trata-se, aparentemente, de exemplar sem maior valor: uma terceira edição, de 1905, de *Os Sertões*, encadernada, com manchas d'água em boa parte do volume, e anotações a lápis efetuadas à margem do texto pelo antigo proprietário. Da assinatura de posse resta apenas um vestígio: o encadernador aparou o livro no comprimento e na largura, com isso guilhotinando também boa parte dos comentários manuscritos (Secchin, 2018).

Nada, portanto, que chamasse a atenção de um bibliófilo como ele, orgulhoso ocupante da Cadeira número 19 da Academia Brasileira de Letras. Veio-me imediatamente a lembrança de que Roland Barthes termina seu artigo seminal sobre o fim da mistificação dos romancistas profetizando que "o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do Autor". De fato, neste exemplar único não era a raridade da edição, nem o nome do autor, o que despertava a atenção, mas a assinatura do leitor.

> A importância desse exemplar avulta extraordinariamente quando sabemos o nome de seu antigo proprietário: Dilermando de Assis — o homem que, em legítima defesa, matou Euclides da Cunha no dia 15 de agosto de 1909. A escritora Dirce de Assis Cavalcanti, filha mais nova de Dilermando, e autora da comovente narrativa autobiográfica *O pai*, generosamente me presenteou com o livro (Secchin, 2018).

Abro um parêntesis: desde que comprei meu primeiro exemplar num sebo, me encantam as marcas deixadas pelos leitores nas páginas dos outros. Assim como um analista, em tese, pode ler os sonhos de seus pacientes como uma forma de chegar ao inconsciente deles, tento descobrir nestes livros reflexos da vida interior de quem os marcou.

Para um bibliófilo tradicional, trata-se de um defeito de caráter tão grave quanto uma perversão macular as páginas de um livro. Mas, para nós, amantes da marginália, é como mergulhar na mente de outras pessoas.

Este vício foi o início da minha ruína. Não foi com *Os Sertões*, mas com *Os Sermões* (1679), do Padre Antonio Vieira, que essa curiosidade pelas anotações nas margens dos livros entrou no meu sangue, numa maldição ditada certamente por algum Titivillus medieval contra seus caçadores ao longo dos séculos. Eu participava, como revisor, de uma nova edição, por sinal muito atrasada. A pressa para comparar o texto-base e o original do livro me deu uma boa desculpa para consultar um exemplar raríssimo, chamuscado pelo incêndio de 1755, provocado pelo terremoto de Lisboa. Quanta história, quanta cultura, quanto brilho exalavam aquelas páginas! Emocionado com as anotações feitas pelo próprio punho de Vieira, me distraí e creio que cocei a orelha esquerda. Fui flagrado, ao fim da consulta de uma hora, pela diretora do setor de obras raras da Biblioteca Nacional. "Botelho! Como você ousa folhear este livro sem luvas e máscara?"

Instigado por algum Titivillus, um fungo alojado naquelas páginas mofadas pelos séculos penetrou no meu ouvido médio. A progressiva perda de audição foi diagnosticada pelos médicos como colesteatoma adquirido, o nome técnico de um tumor que gradativamente corroeu os ossículos do meu ouvido médio (adoro a sonoridade rude de seus nomes: martelo, bigorna e estribo) e , por conseguinte, minha vida social. Quem quer conversar com um surdo? Minha mulher se cansou de falar com as paredes e foi embora. Por sorte, meus melhores amigos permaneceram, nas estantes e nas mesas da casa, qual uma feira do livro eterna. Poderia ser pior. Se eu fosse músico, como Beethoven, teria de tocar com o ouvido interno. Mas, para um revisor, às vezes o silêncio pode ser uma bênção. Basta que eu desligue o aparelho auditivo para a estridência da vida lá fora se esvair numa calma absoluta.

No entanto, livros não são tão silenciosos quanto parecem. O próprio Vieira dizia que "o livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive". Foi o que fizeram naquele exemplar único: dois rivais largaram as armas para duelar civilizadamente. Mas o que diriam um ao outro estes dois homens que, além de desejarem a mesma mulher, tinham em comum o fato de serem engenheiros e militares, conhecedores dos estratagemas das guerras e das palavras?

Não consegui dormir naquele dia pensando em meus próprios estratagemas para ter este exemplar desta guerra particular em minhas mãos. Ao amanhecer, decidi que este livro deveria ser meu e só meu.

E, por isso, resolvi roubá-lo.

Por quê, você me pergunta? Experimente pedir a um bibliófilo para emprestar um de seus volumes mais raros. Ele vai te olhar com o espanto de quem ouve a sugestão de emprestar sua mulher ou sua filha para uma orgia. Conheço Secchin de longa data e sei de seu ciúme por seus livros, muitos dos quais dormem com ele em seu quarto, para maior segurança, enquanto a maior parte de seus 10 mil volumes, cartas e manuscritos raros ficam trancados a chave, numa biblioteca formada por dois quartos contíguos. Enquanto a maior parte da população sua em bicas no verão carioca, eles são mantidos à sombra de janelas sempre fechadas por cortinas de madeira, a uma temperatura constante de 22 graus, com um caríssimo desumidificador a inibir os ácaros e efeitos da maresia da Praia de Copacabana. Professor universitário agora aposentado, mas com as eternas tarefas de emérito, Secchin orgulha-se de ter várias edições de um mesmo livro, algumas raras e outras "de trabalho", para não profanar com suas próprias marcas e anotações as páginas mais nobres.

Da única vez em que ousei pedir um empréstimo, respondeu-me que seus livros não gostam de dormir fora de casa, preferem ficar "junto dos irmãozinhos". E, assim, brincando, encerrou a conversa. Portanto, eu teria de traçar um plano para roubar o livro que hereticamente passei a chamar de "*Os Sertões* de Dilermando". Veja bem, leitor, sou um pobre revisor, um consertador de textos alheios, mas não um ladrão. Mesmo nos bons tempos em que não passava de um estudante suburbano, jamais pensaria em roubar um livro nas prateleiras da Da Vinci quando Dona Vanna estava distraída, como tantas vezes vi acontecer naquela amada livraria do Centro do Rio. Nem mesmo daqueles sebos entregues às moscas costumo sair sem pagar, embora já não os possa frequentar, por medo de ser atacado por mais algum destes malditos fungos que, tal e qual Titivillus, proliferam em livros.

Ladrões bibliófilos existem, com certeza, vendendo a colecionadores particulares páginas arrancadas de bibliotecas institucionais e volumes surripiados em coleções particulares. Mas em geral não trabalham para consumo próprio e sim para abastecer um mercado carnívoro que tem especial predileção pelas páginas amareladas pelos séculos. No entanto, o valor material não me interessa. Se o proprietário do meu estranho objeto de desejo tivesse democraticamente doado o livro à Academia Brasileira de Letras, eu não precisaria tê-lo surrupiado.

Mas não, como um marido ciumento, ele o guardou só para si. Foi o que descobri ao consultar o acervo das duas bibliotecas da ABL. O livro que eu precisava tocar com minhas

próprias mãos não estava nem na bela Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça, nascida com a própria ABL, nem na moderna Biblioteca Rodolfo Garcia. Nada menos do que cento e poucos mil livros, um arquivo inteiro dedicado a Euclides, e nenhum sinal do meu exemplar.

Só havia uma explicação. Meu livro estava guardado na biblioteca do meu amigo. A vantagem é que conheço de longa data o apartamento, que ocupa o oitavo andar de um edifício tradicional da Avenida Atlântica. Mas, enquanto alguns admiram a vista do mar ou o belo chão de mármore, eu me entretinha vasculhando seus segredos. Da primeira vez, sem intimidade, mal passei da sala, sem nenhuma preciosidade a vista a não ser um manuscrito de Cecília Meireles, uma foto do dono da casa com João Cabral de Melo Neto e um belo quadro de Samico. Na grande estante, nada além de uma gigantesca televisão de 65 polegadas e uma prosaica coleção de soldadinhos de chumbo. Nenhum livro.

Da segunda vez, Secchin me recebeu em seu escritório contíguo, por onde se pode entrar por uma das duas passagens em arco, sem portas. No corredor, algumas raridades que, se não despertaram minha cobiça, atraíram meus olhos: uma foto original de Machado de Assis e uma pintura de Di Cavalcanti. Menos conhecido, o que realmente me conquistou foi um soturno e belo quadro de um pintor de quem nunca tinha ouvido falar, Oswaldo Teixeira, retratando um poeta dandi do qual também nunca tinha ouvido falar, Moacir de Almeida, morto provavelmente de tuberculose, como todos, na lira dos seus 20 anos.

No escritório em si, pouca coisa de interesse além do divertido quadro com as nove musas retratadas por quadrinhas de Olavo Bilac, uma autocaricatura de Drummond e dois quadros tridimensionais assinados por Ferreira Gullar, que se distraia fazendo recortes, como Secchin me explicou, com sua voz naturalmente aveludada ecoando em meu aparelho auditivo. Nas três prateleiras, apenas alguns dicionários e obras de referência. “Sei o que você está pensando: mas é só isso?”, li nos lábios do proprietário, depois que ajustei o volume, fingindo coçar a orelha.

Havia método na franciscanidade de seu escritório, confessou. Segundo ele, existem três agressões possíveis a uma biblioteca, na ordem de importância:

1) A mais trágica: o furto.

2) A segunda pior: a mancha, de dedos sujos por algum salgadinho, por exemplo, ou de um copo de uísque entornado por algum escritor embriagado, o que não são poucos.

3) O deslocamento de um livro dentro do labirinto, de forma que seja impossível reconstituir seu lugar original em qual prateleira.

Portanto, sabia que meu livro não estaria ali no escritório sempre aberto, mas em alguma estante nobre, na ala fechada aos visitantes. Só os íntimos são convidados a conhecer esta parte secreta do apartamento. Uma oportunidade rara surgiu durante um coquetel em homenagem a um poeta recém-empossado na Academia Brasileira de Letras . Calculo que mais de 100 pessoas tenham circulado pelo coquetel, nas quatro horas em que lá estive, observando tudo, aguardando a minha chance. Um grupo seleto de intelectuais, entre os quais me imiscuí, foi convidado no final da festa a penetrar na verdadeira caverna do tesouro, uma biblioteca formada pela união de dois grandes quartos, trancada a sete chaves pelo dono.

Uma placa em espanhol ameaçava de excomunhão quem ali entrasse com maus pensamentos e surrupiasse algum volume. Discretamente me benzi.

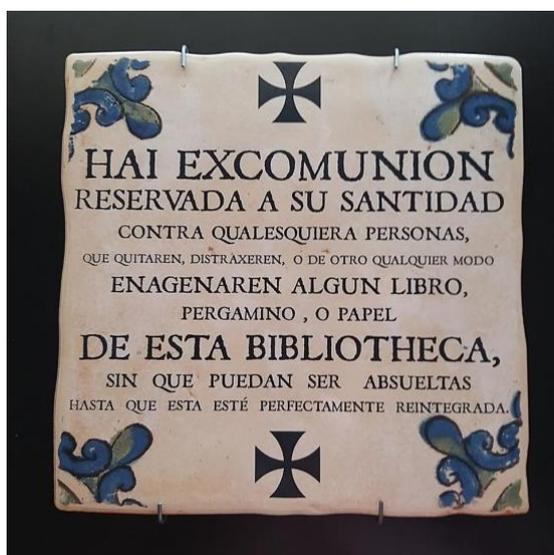



Ilustração 5: Placa em espanhol ameaçando de excomunhão quem violar a santidade da biblioteca.

Calculo ter visto pelo menos 12 estantes de dupla face, que permitiam acesso aos livros de um lado e de outro sem dificuldade, evitando que a segunda fila de livros ficasse soterrada na escuridão e no esquecimento, como acontece com os meus. O próprio dono as desenhou, contou orgulhoso. Para júbilo dos visitantes, havia ainda dois armários para grandes volumes, como livros de arte, que não caberiam numa estante convencional. E ainda quatro armários sob a janela com manuscritos e cartas originais que arrancaram múltiplos "oh".

A visita foi especialmente útil para entender a lógica que regia a distribuição dos livros desta biblioteca, que em geral só faz sentido para os donos. Percebi imediatamente que, por ordem cronológica, na primeira estante estavam guardadas antologias e autores do período colonial. Os árcades davam lugar aos românticos e identifiquei as obras de Machado na outra face. Na segunda estante, realistas, naturalistas, parnasianos e simbolistas. Nas últimas prateleiras, ingressava-se no século 20, finalmente. Da produção contemporânea, pouca coisa. Não havia mais espaço naquele gabinete de preciosidades.

Enquanto a visita guiada saltava de um autor para outro, confirmei que os livros de Euclides da Cunha ocupavam a penúltima prateleira, dedicada aos escritores da virada do século. Secchin mostrou orgulhoso a primeira edição de *Os Sertões*, para deleite apenas visual do grupo, já que não permitiu a ninguém folheá-la. Nada sobre a terceira, a única que realmente me interessava, mas vi que havia cinco diferentes edições deste "livro magnífico". Meu exemplar sem dúvida alguma estava entre eles.

Partimos para conhecer as outras raridades, os João Cabral, os Drummond, as Cecílias autografados, os manuscritos. Meu aparelho auditivo estava no máximo quando, um livreiro sussurrou em tom de brincadeira: "Me deem 60 segundos nesta biblioteca e faço um estrago". Certamente seria o principal suspeito, caso o exemplar que me interessava sumisse da sua prateleira pouco tempo depois de sua existência ter sido revelada para deus e todo mundo nas páginas de um jornal de grande circulação.

O tour me foi de grande valia, porque gastei menos de 60 segundos para, quando todos se viraram para sair, encontrar a exata localização do único exemplar que buscava em meio àquelas tentadoras raridades.

Na hora H, fui direto ao ponto.

Ilustração 6: Exemplar de Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed.

Abri meu belo livro ainda no táxi. Já na primeira página, Dilermando se mostrou um revisor melhor do que os da Laemmert, apontando o dedo em riste para uma crase mal colocada. Como se deixa passar um erro desses, se até uma criança sabe que "se vou a e volta da, crase há", mas se "vou a e volto de, crase pra quê?" Ainda assim, no primeiro parágrafo da terceira edição, revista por Euclides em vida, há um estrondoso "do Rio Grande à Minas"?

I.

O planalto central do Brazil desce, nos littoraes do Sul, em escarpas inteiriças, altas e abruptas. Assoberba os mares; e desata-se em chapadões nivelados pelos visos das cordilheiras maritimas, distendidas do Rio Grande à Minas. Mas ao derivar para as terras septentrionaes diminue gradualmente de altitude, ao mesmo tempo que descamba para a costa oriental em andares ou repetidos socalcos, que o despem da primitiva grandeza afastando-o consideravelmente para o interior.

De sorte que quem o contorna, seguindo para o norte, observa notaveis mudanças de relevos: a principio o traço continuo e dominante das montanhas, precintando-o, com destaque saliente, sobre a linha projectante das praias; depois, no segmento de orla maritima entre o Rio de Janeiro e o Espirito Santo, um apparelho littoral revolto, feito da envergadura desarticulada das serras, riçado de cumiadas e corroido de angras, e escancelando-se em bahias, e repartindo-se em ilhas, e desaggregando-se em recifes desnudos, á maneira de escombros do conflicto secular que alli se trava entre os mares e a terra; em seguida, transposto o 15° parallelo, a attenuação de todos os accidentes — serranias que se arredondam e suavisam as linhas dos taludes, fraccionadas em morros de encostas indistinctas no horizonte que se amplia; até que em plena faixa costeira da Bahia, o olhar, livre dos anteparos de serras que até lá o repulsam e abreviam, se dilata em cheio para o occidente,

1*

Ilustração 7: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.1.

Meu amigo Secchin, que até hoje não deu por falta de seu precioso exemplar (pelo menos assim o espero), já tinha assinalado que os cuidados de revisor de Dilermando "chegam a minúcias gramaticais, assinalando deslizes de pontuação, de regência verbal, de colocação de pronomes, dando-se ainda ao requinte de apontar duas redundâncias ("chimarrão amargo", "angustura estreita") e um cacófato ("mesma massa")". Na verdade, foram vários. Diverti-me seguindo as anotações deste revisor tão pouco confiável, dada a sua notória rivalidade com o autor do livro, catando um erro aqui, outro ali. Ao todo, quase

100 das 630 páginas de Euclides tinham alguma marcação, algum comentário, alguma conta refeita. E, para minha surpresa, elogios.

Na página 13, vê-se a audácia do amante de uma mulher que poderia ser sua mãe: corrigir um cacófato de seu ilustre marido, tido como um dos maiores artífices da literatura brasileira. "Uma margem" ganha um sublinhado em azul. Pessoalmente, considero um erro menor. Detalhista ao extremo, Dilermando demostra numerosas vezes predileção pelas ênclises típicas da norma culta e se rebela com um "ele se desvenda", indicando com um traço em curva que o pronome deveria ir para o final do verbo.

— 13 —

No emtanto quem se abalança a atravessal-o, partindo de *Queimadas* para nordeste, não se surprehende a principio. Recurvo em meandros, o Itapicurú alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas do Jacuricy debruam-se de pequenas mattas. O terreno, areento e chão, permitte travessia desafogada e rapida. Aos lados do caminho ondulam taboleiros rasos. A pedra, afflorando em lagedos horizontaes, mal movimenta o solo, esgarçando a tenue capa de areias que o revestem.

Veem-se, porém, depois, logares que se vão tornando crescentemente aridos.

Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquelle ultimo rio, está-se em pleno *agreste*, no dizer expressivo dos matutos: arbusculos quasi sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, isolados, cereus rigidos e silentes, dando ao conjuncto a apparencia de uma margem de deserto. E o facies daquelle sertão inhospito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente . . .

Galga-se uma ondulação qualquer — e elle se desvenda ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monotono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requeimado das *caatingas*.

Intercorrem ainda paragens menos estereis, e nos trechos m que se operou a decomposição *in situ* do granito, originando lgumas manchas argillosas, as copas virentes dos ouricuryiros circuitam, parenthesis breves abertos na aridez geral, bordas das *ipueiras*. Estas lagôas mortas, segundo a bella ymologia indigena, demarcam obrigatoria escala ao caminhante. Associadas ás cacimbas e *caldeirões*, em que se abre

Ilustração 8: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.13.

Divirto-me com o desenho de um umbuzeiro a lápis, no capítulo em que o autor fala das árvores que alimentam o gado com "o sumo acidulado de suas folhas". Na mesma página, Dilermando corrige um erro de acentuação e outro de concordância que incompreensivelmente autor e editor deixaram escapulir numa frase de apenas seis minúsculas palavras: "E o sertão e uma paraizo". Tsk, tsk, tsk, quase posso ouvi-lo dizer.

— 47 —

E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os fructos de sabor exquisito para o preparo da *umbusada* tradicional.

O gado, mesmo nos dias de abastança, cobiça o sumo acidulado das suas folhas. Realça-se-lhe, então, o porte, levantada, em recorte firme, a copa arredondada, num plano perfeito sobre o chão, á altura attingida pelos bois mais altos, feito plantas ornamentaes entregues á solicitude de practicos jardineiros. Assim decotadas semelham grandes callottas esphericas. Dominam a flora sertaneja nos tempos felizes, como os cereus melancolicos nos paroxysmos estivaes.

As juremas, predilectas dos caboclos — o seu *hachich* capitoso, fornecendo-lhes, gratis, inestimavel beberagem, que os revigora depois das caminhadas longas, extinguindo-lhes as fadigas em momentos, feito um filtro magico — derramam-se em sébes, impenetraveis tranqueiras disfarçadas em folhas diminutas; refrondam os maryseiros raros — mysteriosas arvores que presagiam a volta das chuvas e das epocas anheladas do *verde* e o termo da *magrem* [1]) — quando, em pleno flagellar da secca, lhes porejam na casca resequida dos troncos algumas gottas d'agua; reverdecem os angicos, lourejam os joás em moitas, e as baraúnas de flôres em cachos, e os araticuns á ourela dos banhados . . . mas, destacando-se, dispersos pelas chapadas ou no bolear dos cerros, os umbuseiros, estrellando flôres alvissimas, abrolhando em folhas, que passam em fugitivos cambiantes de um verde pallido ao roseo vivo dos rebentos novos, attraem melhor o olhar, são a nota mais feliz do scenario deslumbrante.

E o sertão é uma paraizo.

Resurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas humidas os caititús esquivos; passam, em varas, pelas tigueras, num estridulo estrepitar de

[1]) *Verde e magrem*, termos com que os matutos denominam as quadras chuvosas e as seccas.

Ilustração 9: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.13.

Firulas desimportantes, diriam os euclidianos mais fanáticos, que nada manchariam a importância de *Os Sertões*. Embora divirta-me com os erros dos outros, especialmente os dos autores mais aclamados, sou obrigado a concordar. No entanto, a capacidade intelectual dos revisores não deve ser menosprezada, só porque nos atemos às minúcias. Ou porque, ao contrário de mim, que sou um velho balofo preso à cadeira elétrica do meu trabalho, Dilermando era 22 anos mais novo e 15 centímetros mais alto do que Euclides quando tirou sua vida. Basta ver as fotos, o belo cadete gaúcho de 17 anos era, como se dizia no passado um pedaço de mau caminho, quando esbarrou com Ana Emilia Ribeiro da Cunha, que na época tinha 33 anos e três filhos.

Talvez para se pavonear de intelectual, Dilermando dá-se ao luxo de fazer um comentário sarcástico em relação ao um suposto jogo de antíteses perpetrado pela natureza, segundo Euclides: “Categoria que Hegel não conheceu”. Seria o atlético militar um leitor da *Fenomenologia do espírito*? E vou ainda mais longe: seu diálogo com *Os Sertões* seria um movimento passível de ser chamado de dialético?

— 51 —

E o sertão é um valle fertil. E' um pomar vastissimo, sem dono.

Depois tudo isto se acaba. Voltam os dias torturantes; a atmosphera asphyxiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas occasiões em que os estios se ligam sem a intermittencia das chuvas — o espasmo assombrador da secca.

A natureza compraz-se em um jogo de antitheses.

Elles impoem por isto uma divisão especial naquelle quadro. A mais interessante e expressiva de todas — posta como mediadora entre os valles nimiamente ferteis e as steppes mais aridas.

Relegando a outras paginas a sua significação como factor de differenciação ethnica, vejamos o seu papel na economia da terra.

A natureza não cria normalmente os desertos. Combate-os, repulsa-os. Desdobram-se, lacunas inexplicaveis, ás vezes sob as linhas astronomicas definidoras da exuberancia maxima da vida.

Expressos no typo classico do Sahara — que é um termo generico da região maninha dilatada do Atlantico ao Indico, entrando pelo Egypto e pela Syria, assumindo todos os aspectos da depressão africana ao *plateau* arabico ardentissimo de Nedjed e avançando dahi para as areias dos *bejabans*, na Persia — são tão illogicos que o maior dos naturalistas lobrigou a genesis daquelle na acção tumultuaria de um cataclysmo, uma irrupção do Atlantico, precipitando-se, aguas revoltas, num remoinhar de correntes, sobre o norte da Africa e desnudando-a brutalmente.

Esta explicação de Humboldt, embora permaneça feito hypothese brilhante, tem um significado superior.

Extincta a preponderancia do calor central e normalisados os climas, do extremo norte, e do extremo sul, a partir dos polos desolados, a existencia vegetativa progride para a linha

4*

Ilustração 10: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.51.

Divirto-me ao ver que o meticuloso revisor vai encontrando outras vírgulas, próclises e ênclises fora do lugar, até se deparar com algo que o desperta tanto sua indignação que deixa a marcação a lápis comum e parte para o vermelho. Com direito a ponto de exclamação!

— 70 —

Outros vão terra á terra de mais. Exagge-
cia do africano, capaz, com effeito, de reagir
tos contra a absorpção da raça superior. S
Proclamam-no mais caracteristico typo da no
ria ethnica.

O assumpto assim vai, derivando multifor

Acreditamos que isto succede porque o
destas investigações se tem reduzido á pesq
ethnico unico, quando ha, certo, muitos.

Não temos unidade de raça.

Não a teremos, talvez, nunca.

Estamos destinados á formação de uma
futuro remoto, se o permittir dilatado tempo
autonoma. Invertemos, sob este aspecto, a
factos. A nossa evolução biologica reclama
lução social.

Estamos condemnados á civilisação.

Ou progredimos ou desapparecemos.

Ilustração 11: Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 3 ed., p.70.

A questão, que vai se repetir em outras marcações, como percebo ao folhear o resto do livro, incomoda a Dilermando muito menos um "civilisação", devidamente marcado a lápis na mesma página. Folheio mais um pouco o velho exemplar e, ao final, encontro as tais quatro folhas soltas, rabiscadas com a letra desenhada de uma professora primária, de que falara seu antigo dono no artigo do jornal. Nada menos de um índice de *Os Sertões* preparado por Dilermando. Detenho-me em seu rastro na tentativa de refazer sua leitura. Se no original a obra de Euclides está dividida em "A terra", "O homem" e "A luta", o homem que o matou divide o livro em torno de seus grandes e pequenos erros, alguns perdoáveis e outros, não.

É difícil decifrar as marcações a lápis feitas há um século. Muitos das palavras escritas por Dilermando estão riscadas, como se tivessem sido usados como fonte para algum texto que as sistematizasse. Com base nesta pista, anoto: "vasculhar também os livros de sua autoria". Mas o fato é que, quem quiser compreendera o que se passava na mente do homem que matou o escritor, como eu, deve antes de mais nada voltar a *Os Sertões*, mais especificamente à terceira edição, buscando diretamente a fonte de cada anotação. Faço um inventário das páginas, muitas delas marcadas com uma letra "r" minúscula, que não é difícil adivinhar o significado, tantas vezes a palavra se repete nos comentários, nos trechos citados: "raça"

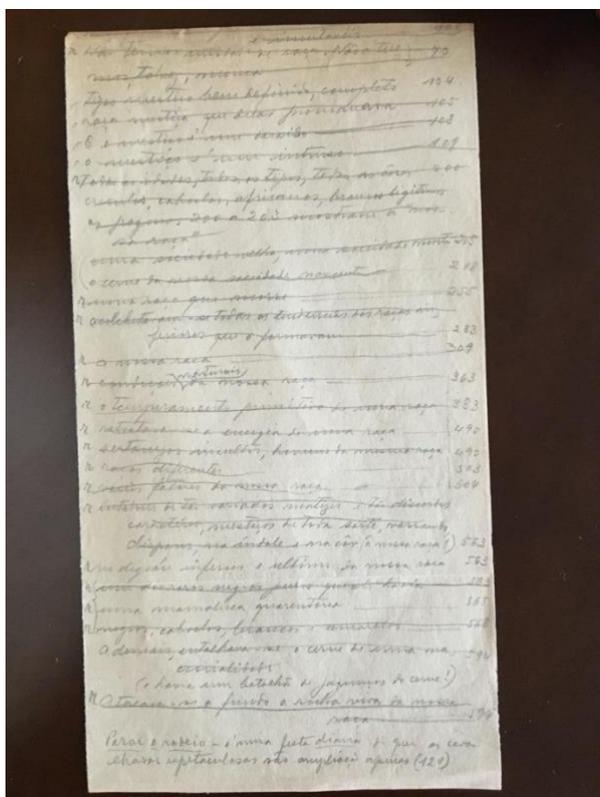



Ilustração 12: Índice de *Os Sertões* preparado por Dilermando

Em outra pequena folha sépia, novo índice, começado com a página 6. Tendo a achar que seja a folha inicial, mas vejo que as páginas 104, 105, 108 e 109 se repetem nos dois levantamentos. É como se Dilermando voltasse a reler o livro, o que talvez explique as cores diferentes dos lápis que estavam à mão em cada ocasião, desta vez em busca de erros de português e imprecisões. Mas, novamente, a questão da raça se impõe.

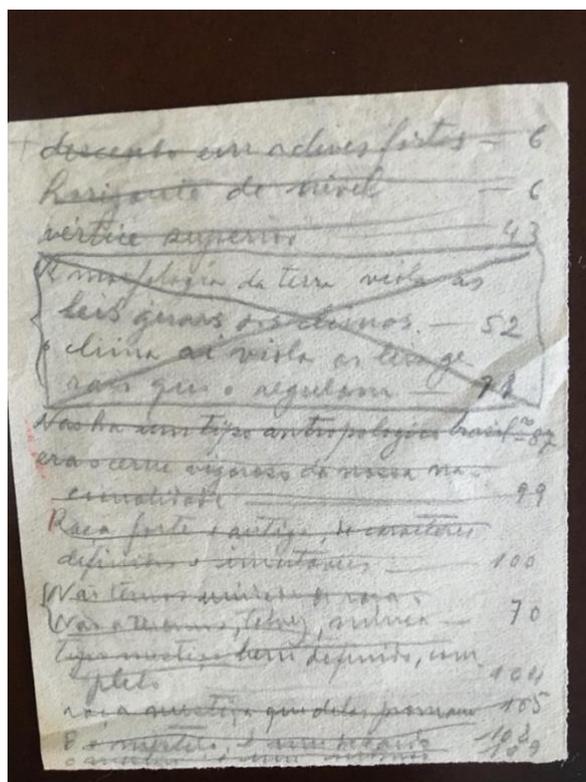



Ilustração 13: Índice de *Os Sertões* preparado por Dilermando

Sem dúvida, o índice que termina na página 109 tem sua continuação em outra folha, que começa na página 105, que me parece voltada para redundâncias banais, como "gaúcho do Sul" e "vaqueiro do Norte". Mas é um engano. Não resisto e, diante do parêntesis com as palavras "gente simples", pulo as etapas para ver diretamente em meu exemplar o que Dilermando teria escrito nas margens na página 193 de *Os Sertões*. Com um misto de desprezo e raiva, ele ironizou: "Sua gente simples, j e boa!…" Imagino que seja a versão de nosso militar do imperativo: "Tá com pena, leva pra casa!" Mas não devemos nos apressar a tomar um lado nesta briga. O comentário apenas chama a atenção para uma contradição do próprio Euclides, quando escreve: "Canudos era o homizio de famigerados facinoras.

Alli chegavam, de permeio com os matutos credulos e vaqueiros illudidos, sinistros heroes da faca e da garrucha”. Como, ao final, teria entrado para a história como seu defensor?

Ilustração 14: Índice de *Os Sertões* preparado por Dilermando

O último trecho das folhas soltas é o menos esquemático. Rabiscado com muitos traços vermelhos e pretos, alguns feito a régua, outros à mão livre, traz notas que se parecem mais com um esboço de texto. O segundo parágrafo faz referência a um trecho sobre mestiçagem, na página 87. O último vai direto ao ponto: “Nada de homogeneidade de raça. Não há um tipo antropológico brasileiro”, ou pelo menos não se conhece. Há referências ainda às páginas 214, 270 e 350. Anoto: é preciso ver se as partes riscadas não fazem parte de algo maior. O que teria publicado Dilermando de próprio punho, que possa ajudar a decifrar seus apontamentos nas margens da história de Euclides?

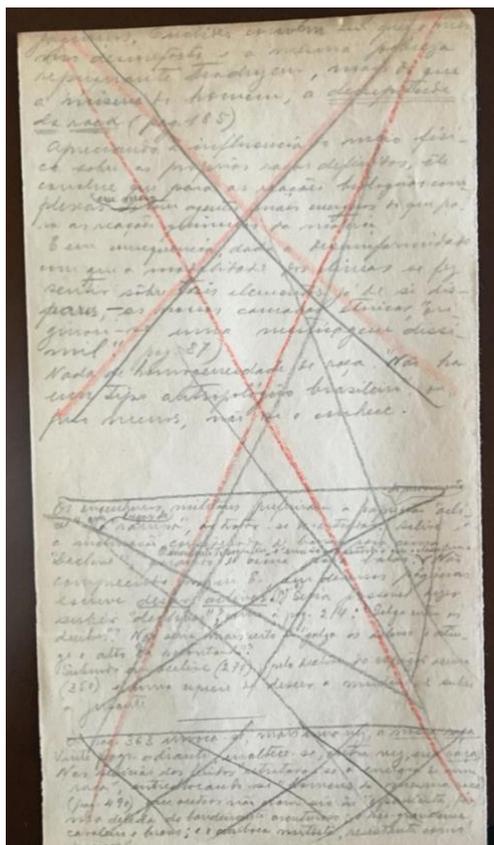



Ilustração 15: Índice de *Os Sertões* preparado por Dilermando

Obras citadas

Andrade, O.S. (1960) *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo: Edart.

Assis, D. (1916) *Um conselho de guerra. A morte do aspirante de Marinha Euclides da Cunha Filho — defesa do tenente Dilermando Cândido de Assis*. Rio de Janeiro: Tipografia dos Anaes.

Assis, D. (1951) *A tragédia da Piedade: mentiras e calúnias de "A vida dramática de Euclides da Cunha"*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro.

Assis, M. (1901) *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5229 (Acesso em: 16 Maio 2020)

Assis, M. (1874) 'Valério', *Outros Contos – Fase 4 (1874-1875)*. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/contosavulsos4.htm (Acesso em: 12 Maio 2020)

Barthes, R. (2004) 'A morte do autor', *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, pp.57-64.

Correa, V. (1909) 'A última entrevista de Euclides da Cunha', *A Ilustração Brazileira*, 15 Agosto, pp.99-100.

Cunha, E. (1901) Carta direcionada a Escobar, 25 Dezembro. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Correspondência_ativa_de_Euclides_da_Cunha_em_1901 (Acesso em: 12 Maio 2020)

Cunha, E. (1902a) Carta direcionada a Escobar, 19 Outubro. Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Correspondência_ativa_de_Euclides_da_Cunha_em_1902 (Acesso em: 12 Maio 2020)

Cunha, E. (1902b) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro: Laemmert.

Cunha, E. (1905) *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. Rio de Janeiro – São Paulo: Laemmert, 3 ed.

DeVinney, T. (2005) 'Who Is Titivillus?', *HealthSciEdit*. Disponível em: http://www.healthsciedit.com/tes-whois.htm (Acesso em: 12 Maio 2020)

Galvão, W.N. (2016) *Variantes e Comentários.* São Paulo: Ubu Editora/dições Sesc SP.

Galvão, W.N. (2019) *No calor da hora: a Guerra de Canudos nos jornais.* Recife: Cepe, 4 ed.

Halewell, L. (1985) *O livro no Brasil (sua história)*. São Paulo: EDUSP/T.A.Queiroz.

Jennings, M. (1977) 'Tutivillus: The Literary Career of the Recording Demon', *Studies in Philology*, 74 (5), p. 7.

Lima, L.C. (2000) *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Pontes, E. (1938) *A vida dramática de Euclydes da Cunha*. Rio de Janeiro: José Olympio, 13 ed.

O Globo. (2009) *A última entrevista de Euclides da Cunha*, 15 Agosto. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/a-ultima-entrevista-de-euclides-da-cunha-214218.html (Acessado: 12 Maio 2020)

Romero, S. (1980) *História da literatura brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL-MEC, 7 ed. (5).

Secchin, A.C. (2018) "Os Sertões': embate de Euclides da Cunha e Dilermando de Assis continua', *O Globo*, 20 Janeiro. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/os-sertoes-embate-de-euclides-da-cunha-dilermando-de-assis-continua-22308941 (Acesso em: 12 Maio 2020)

Venâncio Filho, F. (1938). *Euclydes da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, Brasiliana, n° 142.

Ventura, R. (2019) *Euclides da Cunha: Esboço biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras.

Vogel, A. e Ferreira, R. (2015) 'A tragédia da Piedade: o grande drama da República', *Anuário Antropológico*, I. Disponível em: http://journals.openedition.org/aa/1503 (Acesso em: 12 Maio 2020)